

## Contas Económicas da Silvicultura

2011

### Valor Acrescentado Bruto da Silvicultura aumentou 2,9% em volume e 5,8% em valor

De acordo com as Contas Económicas da Silvicultura, em 2011, e pelo segundo ano consecutivo, o Valor Acrescentado Bruto (VAB) da Silvicultura aumentou, registando uma variação de 2,9% em volume e de 5,8% em termos nominais, em relação ao ano anterior. Para este resultado contribuíram um aumento da produção (2,8%) e um decréscimo do consumo intermédio (-4,8%), em termos nominais.

Neste Destaque, o INE disponibiliza os resultados das Contas Económicas da Silvicultura para o ano 2011 (base 2006), apresentando indicadores que traduzem a importância económica da atividade silvícola e de exploração florestal. Procedeu-se ainda à revisão dos resultados provisórios para 2010 divulgados em Junho de 2012.

Os resultados apresentados neste Destaque têm uma natureza final para o ano 2010 e provisória para o ano 2011, incorporando informação disponível até ao dia 21 de Junho de 2013.

No Portal do INE, na área das Contas Nacionais, em particular na secção das Contas Satélite<sup>1</sup>, são ainda disponibilizados quadros adicionais com informação mais detalhada.

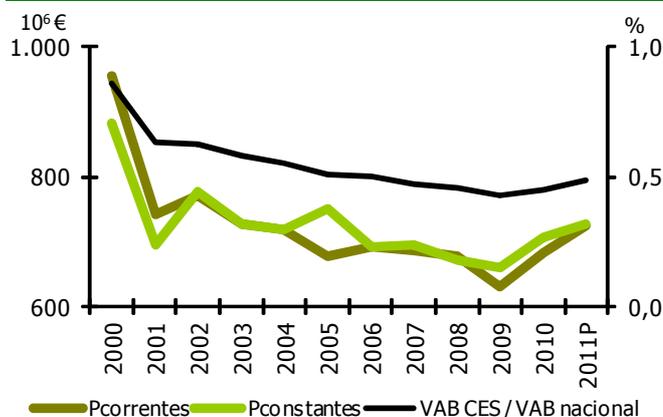
<sup>1</sup>[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_contas\\_nacionais&contexto=cs&selTab=tab3&perfil=97154797&INST=116634832](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_contas_nacionais&contexto=cs&selTab=tab3&perfil=97154797&INST=116634832)

#### 1. VALOR ACRESCENTADO BRUTO DA SILVICULTURA

A atividade silvícola e de exploração florestal (Silvicultura) antecede, na fileira produtiva, a transformação de madeira, de cortiça e de outros produtos da floresta, não contemplando a atividade industrial (por exemplo, a pasta de papel ou rolhas), mas apenas a produção das matérias-primas (madeira e cortiça) e o corte ou a extração das árvores.

Em 2011, pelo segundo ano consecutivo, o **Valor Acrescentado Bruto da Silvicultura (VAB)** aumentou, registando uma variação de 2,9% em volume e de 5,8% em termos nominais, face ao ano anterior. O VAB da silvicultura diminuiu continuamente desde 2000, atingindo o seu ponto mínimo em 2009. Nos dois anos seguintes, o peso relativo do VAB da atividade silvícola na economia nacional registou alguma recuperação, atingindo 0,5% do VAB total em 2011.

Gráfico 1. VAB da Silvicultura



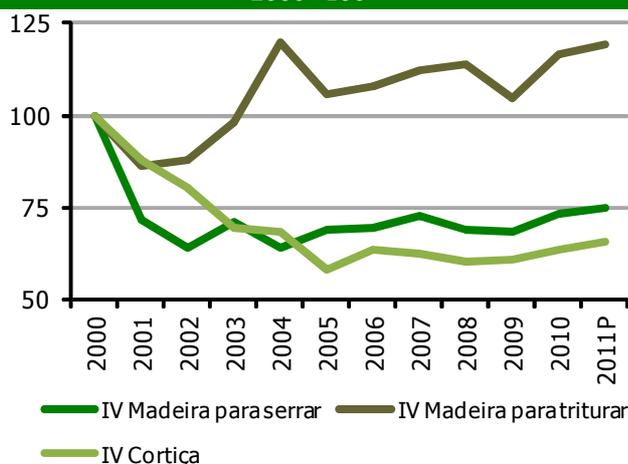
## 2. PRODUÇÃO DA SILVICULTURA – principais produtos

A **Produção da Silvicultura** registou, em 2011, uma variação nula em volume e um aumento de 2,8% em valor. Para esta evolução nominal contribuíram principalmente os acréscimos registados na produção de Madeira (4,1%) e na produção de Cortiça (12,3%), decorrentes de variações positivas, quer em volume, quer em preço, relativamente ao ano anterior.

A Madeira e a Cortiça continuaram a ser os produtos de maior relevância na Produção da Silvicultura, tendo a Madeira para tritarar e a Cortiça convergido para pesos relativos muito próximos em 2011 (à semelhança de 2008 e 2009), respetivamente 36% e 34% do total da produção silvícola.

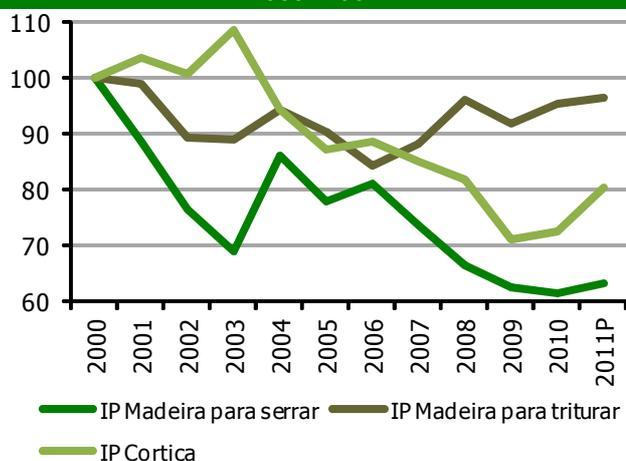
Na série em análise, o volume mais elevado de produção de Madeira para tritarar foi atingido em 2004 e 2011. A Cortiça e a Madeira para serrar atingiram máximos de volume de produção no ano 2000.

Gráfico 2. Índices de volume da Madeira e da Cortiça 2000=100

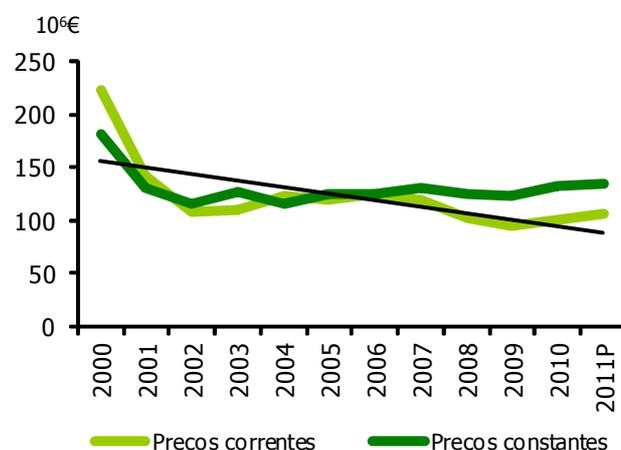


Os preços da Madeira e de Cortiça aumentaram em 2011 (1,9% e 4,0%, respetivamente). Contudo, o comportamento dos preços de cada um dos produtos foi distinto ao longo da série. Os preços da Madeira para serrar e da Cortiça registaram uma tendência de decréscimo desde 2000, verificando-se um aumento dos preços em 2011. A evolução do preço da Madeira para tritarar apresentou uma maior estabilidade em termos relativos, observando-se uma tendência decrescente entre 2000 e 2006, que se inverteu no período posterior.

**Gráfico 3. Índices de preços da Madeira e da Cortiça**  
2000=100



**Gráfico 4. Produção de Madeira para serrar**



## 2.1 PRODUÇÃO DE MADEIRA

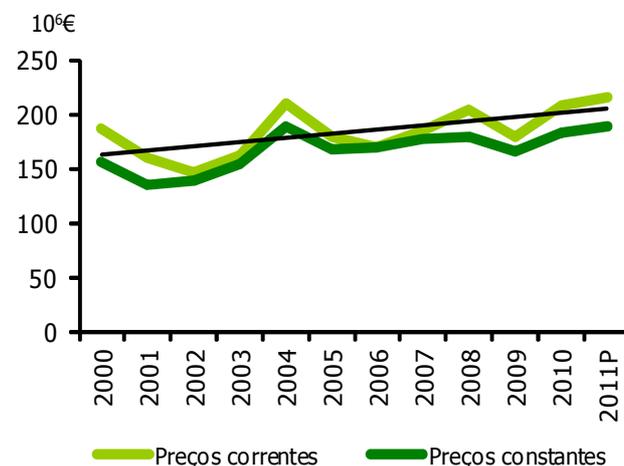
A **Madeira** extraída da floresta pode ser serrada ou triturada, conforme o tipo de utilização a que for sujeita.

A Madeira mais nobre é serrada, para utilização preferencial no fabrico de móveis (indústrias de serração e de mobiliário). A Madeira triturada pode ser subsequentemente utilizada na produção de papel (indústrias de pasta de papel e papel), na produção de energia (lenha, *pellets*, *briquets*), no fabrico de aglomerados ou até como fonte de energia renovável.

A **Madeira para serrar**, que corresponde, fundamentalmente, à madeira de pinheiro bravo, apresentou, em 2011, acréscimos de 2,0% em volume e de 2,9% nos preços. Na série em análise, a produção de Madeira para serrar registou o ponto mais elevado em 2000, diminuindo significativamente até 2002, ano a partir do qual o volume não registou grandes alterações. A redução da produção em termos nominais esteve associada à descida dos preços.

Em 2011, pelo segundo ano consecutivo, a **Madeira para triturar**, na qual se destaca a madeira de eucalipto, registou aumentos de produção de 2,3% em volume e de 1,3% nos preços. Entre 2000 e 2011, a produção de Madeira para triturar registou um crescimento médio anual de 1,4%, em termos nominais, refletindo a tendência crescente, quer do volume, quer dos preços. Com efeito, a produção deste tipo de madeira tem revelado um grande dinamismo, que traduz essencialmente o desenvolvimento da indústria de pasta de papel.

**Gráfico 5. Produção de Madeira para triturar**

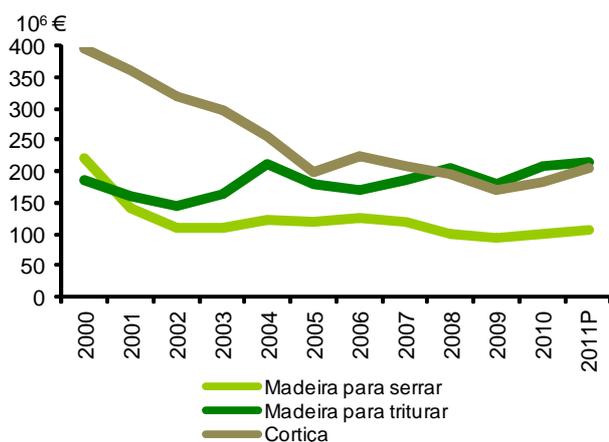


## 2.2 PRODUÇÃO DE CORTIÇA

Apesar da **Cortiça**, em termos nominais, ter constituído a produção silvícola de maior importância relativa, até 2007, o significativo decréscimo entre 2000 e 2005 colocou-a a um nível de produção semelhante ao da Madeira para tritarar. Nesse período, dado o envelhecimento de alguns montados, verificou-se uma redução do volume e do preço pago ao produtor da cortiça extraída.

Contudo, tal como a Madeira para tritarar, a partir de 2009 a Cortiça revelou variações positivas em valor, apresentando, em 2011, acréscimos de 8,0% em volume e de 4,0% em preço. Para esta recuperação terá contribuído o relançamento deste produto nos mercados nacional e internacional, sob a forma de rolas, material de isolamento acústico e térmico ou acessórios de moda.

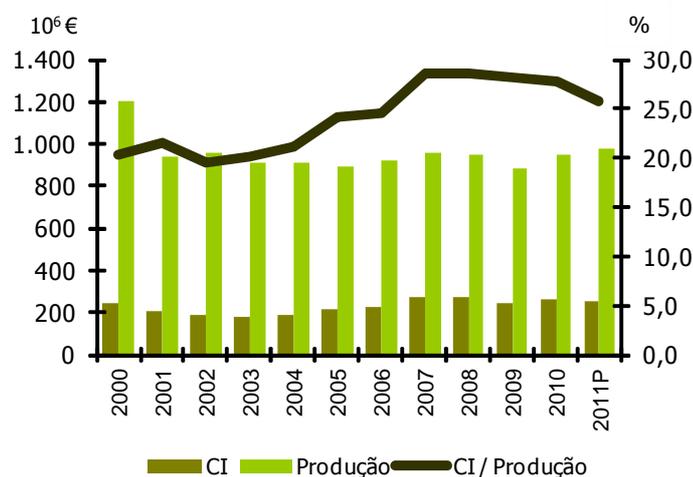
**Gráfico 6. Produção de Cortiça e Madeira**  
(preços correntes)



## 3. CONSUMO INTERMÉDIO

Em 2011, o **Consumo Intermédio** (CI) da Silvicultura diminuiu 4,8% em termos nominais, em resultado de uma diminuição do volume (-7,8%), nomeadamente de energia e de serviços silvícolas, uma vez que os preços registaram um acréscimo (3,2%).

**Gráfico 7. Consumo Intermédio**  
(preços correntes)

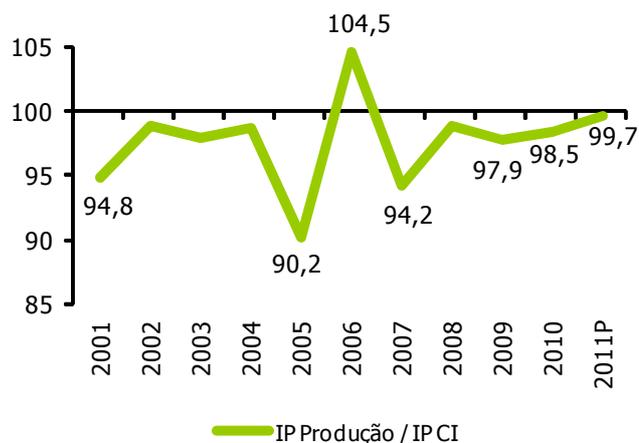


O **rácio CI/Produção** revela que, entre 2000 e 2010, se verificou um aumento do peso relativo do CI na Produção de 7,5 pontos percentuais (p.p.), o que traduz uma situação adversa para a atividade florestal. Pelo contrário, este rácio diminuiu 2,1 p.p. em 2011.

O aumento do peso relativo do consumo intermédio na produção, durante grande parte do período iniciado em 2000, esteve sobretudo associado ao comportamento do **rácio entre os preços da Produção e do CI** ("tesoura de preços"), traduzindo um aumento dos preços das despesas correntes superior ao dos preços na Produção.

Desde 2009, o crescimento dos preços na Produção acompanhou o aumento dos preços do CI, em particular em 2011, onde a variação dos preços foi praticamente idêntica.

**Gráfico 8. Tesoura de Preços**  
(IP Produção / IP Consumo Intermédio)



#### 4. AJUDAS PAGAS À ATIVIDADE SILVÍCOLA. TAXA DE APOIO À PRODUÇÃO.

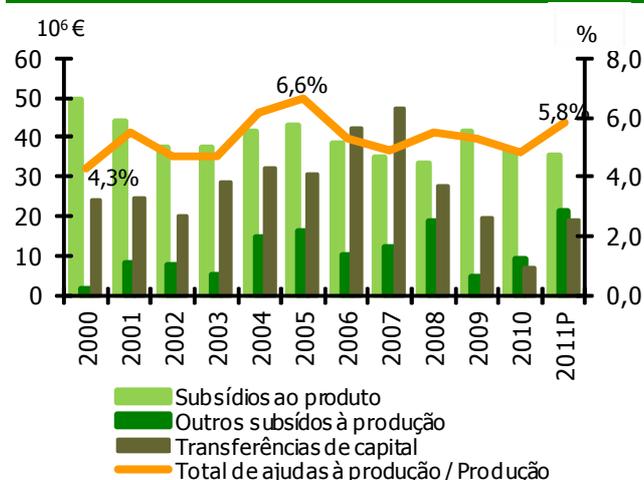
No âmbito das Contas Económicas da Silvicultura (CES), as ajudas à atividade silvícola subdividem-se em Subsídios ao produto, Outros subsídios à produção e Transferências de capital (que, de acordo com a metodologia das CES, não são contabilizadas no Rendimento Empresarial Líquido da Silvicultura). Os Subsídios ao produto, que incidem, fundamentalmente, sobre a florestação e reflorestação, encontram-se incluídos no valor da produção<sup>2</sup>. Estes subsídios constituíram o tipo de ajuda mais importante na série em análise.

<sup>2</sup> De acordo com a metodologia das CES descrita no Manual das Contas Económicas da Agricultura e Silvicultura 97 (Rev. 1.1), a produção deverá ser calculada a preços de base, isto é, Valor a preços de base = Valor a preços no produtor + subsídios aos produtos-impostos sobre os produtos.

As ajudas à produção compreendem **os Subsídios ao produto e Outros subsídios à produção**. Em 2011 estas verificaram um acréscimo significativo (23,8%), para o que contribuiu o aumento dos Outros subsídios à produção (ligados, sobretudo, a medidas de apoio à melhoria produtiva dos povoamentos florestais). A Taxa de apoio à Produção (rácio Total de ajudas pagas à produção/Produção) aumentou 1,0 p.p. em 2011, fixando-se em 5,8%, taxa superada apenas nos anos de 2004 e 2005.

As **Transferências de capital** são ajudas destinadas a apoiar financeiramente medidas de investimento na atividade. Após 2010, ano durante o qual foi pago ao produtor florestal um montante diminuto de Transferências de capital, na sequência do final de medidas do terceiro Quadro Comunitário de Apoio (QCAIII), o ano de 2011 apresentou um acréscimo significativo (variação de 133,0%), retomando o nível de 2009.

**Gráfico 9. Ajudas pagas e Taxa de apoio à produção**

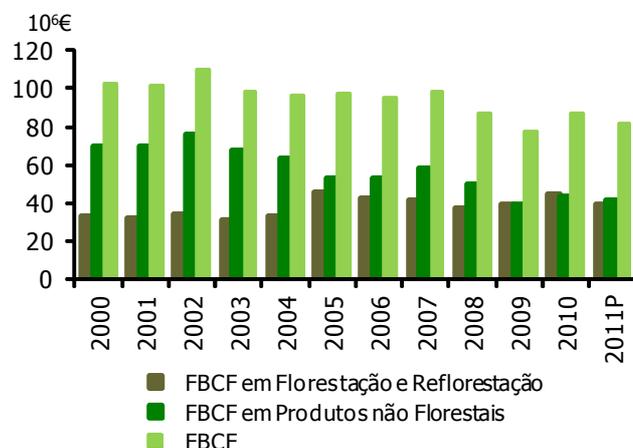


## 5. FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO

A **Formação bruta de capital fixo** (FBCF) abrange duas componentes distintas: FBCF em Florestação e Reflorestação (plantações de sobreiro, de pinheiro manso e de eucalipto) e FBCF em Produtos não Florestais (bens de equipamento, construção, etc.).

Em 2011, a FBCF apresentou decréscimos quer em termos nominais (-7,0%) quer em termos reais (-9,7%), em resultado da diminuição de ambas as componentes, embora a FBCF em Florestação e Reflorestação tenha decrescido mais significativamente.

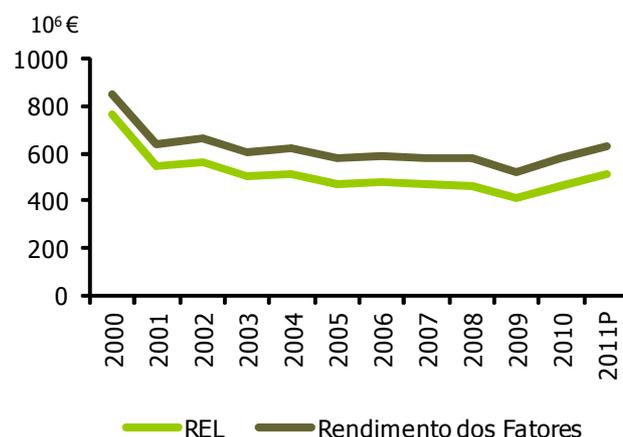
Gráfico 10. **FBCF**  
(preços correntes)



## 6. RENDIMENTO DOS FATORES E RENDIMENTO EMPRESARIAL LÍQUIDO DA SILVICULTURA

O **Rendimento dos fatores** e o **Rendimento empresarial líquido**<sup>3</sup> (REL) da atividade silvícola apresentaram, em 2011, acréscimos nominais de 8,7% e 11,5%, respetivamente, em consequência dos aumentos do VAB e dos Outros subsídios à produção.

Gráfico 11. **Rendimento dos Fatores e REL**

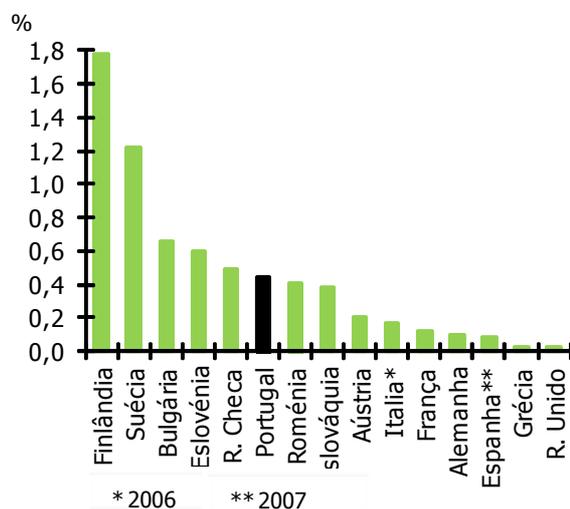


<sup>3</sup> Para a formação do **REL**, são deduzidas do VAB as despesas de Consumo de capital fixo, as Remunerações a pagar, os Outros impostos à produção e as Rendas e os Juros a pagar e adicionados os Outros subsídios à produção e os Juros a Receber. O **Rendimento dos fatores** inclui, para além do REL, as Remunerações, as Rendas e os Juros a pagar e exclui os Juros a receber.

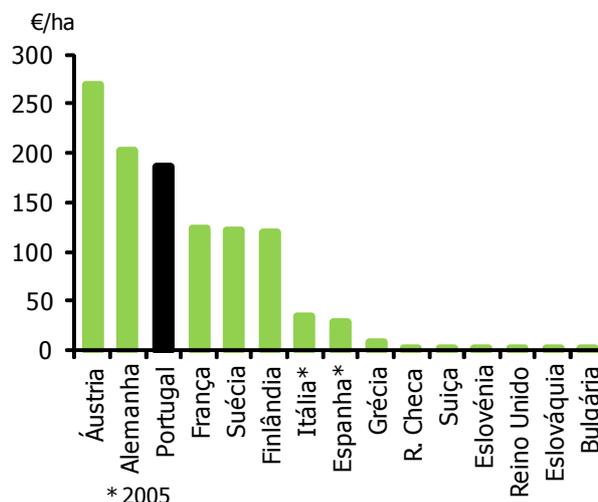
## 7. COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

No contexto da União Europeia, comparativamente com outros Estados-Membros<sup>4</sup> com informação disponível, é possível concluir que o peso relativo da Silvicultura na economia nacional excede o de países de características mediterrânicas como Itália ou Espanha.

**Gráfico 12. VAB Silvicultura/VAB nacional**  
2010



**Gráfico 13. VAB Silvicultura/Área de floresta**  
2010



Combinando o VAB desta atividade com a área de floresta, verifica-se que Portugal se encontra entre os Estados Membros da União Europeia que apresentam valores mais elevados de VAB por área florestal, ultrapassando, por exemplo, a Finlândia, país com um coberto florestal muito extenso.

<sup>4</sup> Dados extraídos da base de dados do Eurostat a 24 de junho de 2013 (data da última atualização: 22 de junho de 2013). Para Portugal utilizaram-se os resultados atualizados das Contas Económicas da Silvicultura.

## NOTA METODOLÓGICA

### Referência metodológica

As CES têm por referência técnica obrigatória o "Manual das Contas Económicas da Agricultura e Silvicultura 97 (Rev. 1.1)", edição de 2000, Eurostat. Sendo uma Conta Satélite, a metodologia utilizada tem como suporte o Sistema Europeu de Contas 1995 (SEC 95) e, por via deste, o Sistema de Contas Nacionais das Nações Unidas (SCN 93). Recentemente, as CES foram integradas, ao nível do EUROSTAT, num quadro global de informação económica e ambiental da floresta, designado por Contas Integradas Ambientais e Económicas da Silvicultura.

### Cálculo do Crescimento das Florestas

A série de CES tem subjacente a metodologia de cálculo do Crescimento das Florestas (o qual contribui para a estimativa da Produção e do VAB da Silvicultura) desenvolvida pela ex-Direcção Geral dos Recursos Florestais, que teve como referência o Inventário Florestal Nacional 1995-98. A atualização dos resultados desta metodologia através da incorporação dos dados do Inventário Florestal Nacional atualmente em curso (IFN 2012) deverá determinar a revisão desta série.

### Revisões das CES de 2010

As revisões das CES de 2010 refletem a atualização da informação de base utilizada e, sobretudo, a incorporação dos resultados das Contas Nacionais finais anuais do INE referentes a 2010, entretanto publicadas. O quadro seguinte indica as principais revisões efetuadas.

### Contas Económicas da Silvicultura versão de Junho 2013 e versão de Junho 2012

Unidade: 10<sup>6</sup> €

	2010 (preços correntes)			2010 (preços ano anterior)		
	Junho 2012	Junho 2013	var (%)	Junho 2012	Junho 2013	var (%)
Produção da Silvicultura	932,46	947,57	1,6%	935,01	947,26	1,3%
Consumo Intermédio	258,68	263,07	1,7%	234,19	242,59	3,6%
Valor Acrescentado Bruto	673,78	684,50	1,6%	702,72	704,67	0,3%
Rendimento Empresarial Líquido	452,75	460,12	1,6%	//	//	//